

15-06-2022

## O campo Saúde do Trabalhador: repensando sua base social em tempos de neoliberalismo

### Francisco Lacaz

[Médico. Professor titular aposentado da Escola Paulista de Medicina da UNIFESP]

Em sua análise sobre a base social que suscitou as formulações que sustentaram as discussões da Medicina Social Latino Americana, a partir do México, sobre as relações entre trabalho e saúde, Laurell (1985) aponta que foi o operariado industrial urbano o principal pilar daquela base. Tal constatação também foi observada nos principais países da América do Sul, particularmente no Brasil onde, a partir da Saúde Coletiva e da Saúde Pública, foram formuladas as bases teóricas e programáticas do campo Saúde do Trabalhador (ST) (Lacaz, 2007). Frise-se que entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, importantes autores latinoamericanos debruçaram-se sobre a temática trabalho-saúde, dentre eles Arouca-Tambellini (1978), Garcia (1983), Laurell (1981), Laurell e Marques (1983), publicando textos que tinham como pano de fundo a realidade industrial e urbana. A própria formulação do Modelo Operário Italiano ocorreu a partir de demandas e estudos sobre a realidade de trabalho urbana da Itália dos anos 1960-70 (Berlinguer, 1983). Fazia sentido que a base social que sustentava as formulações sobre trabalho-saúde, elaboradas pela Medicina Social Latino Americana e pela Saúde Coletiva até o final dos anos 1970 e início dos 1980, fossem os sindicatos representativos da classe operária urbano-industrial. Esta, forjada sob o taylorismo-fordismo, tinha, naquela época, como interlocutores, seus sindicatos, os quais eram as instâncias de diálogo na perspectiva da luta para negociar a melhoria das condições, ambientes e processos de trabalho junto ao Capital (Laurell e Noriega, 1989). Com o neoliberalismo, a reestruturação produtiva e a flexibilização do trabalho, a partir dos anos 1980/90 na América Latina e no Brasil, não mais subsiste a predominância do perfil industrial, passando a predominar a força de trabalho no setor de serviços.

Assim, considerando a fragilização crescente dos sindicatos de trabalhadores no Brasil (Tambellini e Carvalho, 2021), aliada à reconfiguração do trabalho e do perfil das classes trabalhadoras, que Antunes (2018) denomina de classes que vivem do trabalho, é pertinente considerar que aquela base social, sustentáculo das formulações do campo ST, deve ser repensada.

Neste sentido, cabe propor que, para além dos sindicatos de trabalhadores, outros atores sociais que poderiam também dar sustentação ao campo seriam os que chamamos de movimentos identitários, que mesmo não tendo o caráter da classe, são cada vez mais pulsantes na sociedade brasileira tais como o Movimento LGBTQIA+, o Movimento Negro, o Movimento Indígena, o Movimento Estudantil, o Movimento Feminista, por exemplo. Assim procedendo, é evidente que as formulações do campo ST não devem abandonar sua interlocução com os sindicatos de trabalhadores, mas a abertura de diálogo com esses novos atores sociais, mediante uma aproximação com suas demandas referentes ao cotidiano de trabalho e às relações com a saúde. Seguramente, assim, poderá se ampliar a base social de sustentação do campo, ao mesmo tempo em que o coloca em sintonia com as novas configurações que assumem as lutas sociais na América Latina e no Brasil. Uma questão que resta complexa é como fazer a relação desses diversos cotidianos de trabalho e a saúde? ■ ■ ■

#### Referências

- Antunes R. O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- Arouca-Tambellini A. O Trabalho e a Doença. In: GUIMARÃES, R. (org.) Saúde e Medicina no Brasil: uma contribuição para o debate. Rio de Janeiro: Graal, p.93-119, 1978.
- Berlinguer G. Saúde nas fábricas. São Paulo: CEBES-HUCITEC, 1983.
- Garcia JC. La categoría 'trabajo' em la Medicina. Cuadernos Médico Sociales, n.23, p.5-19, 1983.
- Lacaz FAC. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. Cadernos de Saúde Pública, v.23, n.4, p.757-66, 2007.
- Laurell AC. Processo de trabalho e saúde. Saúde em Debate, n.11, p.8-21, 1981.
- Laurell AC, Marques M. El desgaste obrero en México. Proceso de producción y salud. México: ERA, 1983.
- Laurell AC. Saúde e Trabalho: os enfoques teóricos. In: NUNES, E. D. (org.) As Ciências Sociais em Saúde na América Latina: tendências e perspectivas. Brasília: OPAS, p. 255-76, 1985.
- Laurell AC, Noriega M. Processo de produção e saúde. Trabalho e desgaste operário. São Paulo: CEBES-HUCITEC, 1989. 333 p.
- Tambellini AT, Carvalho AM. O futuro do trabalho. In: Saúde do Trabalhador em tempos de desconstrução: caminhos de luta e resistência. Fadel de Vasconcellos LC [et al]. (Orgs) Rio de Janeiro: Cebes, 2021. p.249-53.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidindo com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*